

atravessar um bom período de revolução em Madrid, no qual ele tomou parte tão ativa que saiu assinalado por uma cutilada na cabeça; imagine-se o francês mais meridional, mais incansável no trabalho, mais original nos seus pontos de vista, e terão uma fraca idéia do que é esse espirituoso Rouéde, a quem hoje ninguém viu sem simpatizar com ele e com quem ninguém conversou sem fazer dispêndio de gargalhadas". Rouéde foi secretário da *Cidade do Rio*, brilhou intensamente e foi morrer em Santos; na *Mocidade Morta*, Gonzaga Duque mostrou-o, na moldura de sua época. Traçando-lhe o necrológio, em *A Notícia*, Olavo Bilac escreveu: "Emílio Rouéde foi músico, pintor, gravador, fotógrafo, escritor, professor, poliglota, negociante, industrial, lavrador e conspirador político. (...) Rouéde antecipava, voluntariamente, a ação da morte, exilando-se do centro, onde fora o rei da graça, pelo talento, pela vibração tumultuosa do temperamento boêmio. Nunca vi um homem dotado de tamanha capacidade para o exercício de todas as profissões ao mesmo tempo".